



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 28 de Novembro de 2015 • Ano LXXII • N.º 1871 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

SINAIS

Padre Telmo

CHEGUEI. Todos me abraçaram. Fiquei feliz. Os mais pequenos cantaram um hino — Onde a palavra, pai. Quanta ternura!. Não é a minha pessoa, É o espírito vivificante da Obra da Rua. «O Espírito é que dá a Vida».

Árvore com raízes fortes em terra fértil. Não é este, actualmente, o sentimento que palpita em Portugal. Mas ele está. Ele vive e palpita nos semblantes vivos e gaiatos dos nossos «Batatinhas», que logo ao chegar me perguntaram se trazia sambapitos.

— Em Portugal não há, vamos comprar cá. — Respondi.

PASSEI quatro meses na nossa Aldeia de doentes físicos e mentais — incuráveis. Padre Américo sonhou esta obra de amor. Padre Baptista deu-lhe vida. Sessenta anos de entrega e dedicação aos doentes!

Defeitos? Que obra humana não tem? Se imperfeições — uma ajuda para superar. Uma condenação será injusta que brada.

Tenho saudades da Alice “ceguinha” que um dia me disse: — *O céu devia ser como um cafézinho bem quente.*

Saudades dos nossos rapazes!, os seus abraços!, o seu carinho! Recordo o «Faneca» a corresponder ao meu aperto de mão antes de lhe dar de comer.

Recordo, há anos, a visita do Sr. Presidente da República e as palavras que me dirigiu na subida da rampa para os pavilhões dos doentes: «*A vossa Obra é admirável, e a única no País a quem o Estado deve dinheiro*».

Sinto grande admiração pelos voluntários(as) que ali dão, por amor, tantas horas de luz. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Nos 250 anos do Seminário de Coimbra

A Igreja é uma comunhão de vocações, em que são imprescindíveis os cristãos ordenados. No ministério eclesial, através do sacramento da Ordem, um cristão visibiliza Cristo Cabeça e Pastor, agindo em Seu nome na comunidade cristã. A vocação presbiteral encarna historicamente no chamamento da Igreja, onde se faz visível e sensível, sendo a comunidade eclesial a matriz na qual, pela Palavra e pelo Espírito, germina o chamamento de Deus: *cada presbítero recebe a vocação do Senhor, através da Igreja, como dom gratuito.* O Seminário Maior é a comunidade educativa principal na preparação para o presbiterado, que acolhe o candidato para o itinerário formativo central, nas suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral.

Este simples exórdio vocacional serve-nos para fazer gratíssima memória eclesial de uma celebração jubilosa para a Diocese de Coimbra: 250 anos do seu Seminário! O Seminário de Coimbra foi fundado em 1741 por D. Miguel da Anunciação, frade crúzio do Mosteiro de Santa Cruz que, no regalismo pombalino, em 9 de Dezembro de 1768 sofreu uma monstruosa prisão de 9 anos. *Em 16 de Julho de 1748, se deitou a primeira pedra na Igreja do Seminário de Jesus, Maria e José.* Começou a ser habitado em 1755, suportou o terramoto e foi concluído em 1765. É o actual edifício (*Casa velha*) do Seminário, cuja comemoração é festejada.

Por razões óbvias, centramo-nos no

último século, com breves acenos e nomeadamente no período em que governou a Diocese de Coimbra o Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva, que aí viveu cerca de 21 anos. Em 29 de Junho de 1915, o Prelado publicou uma exortação pastoral ao Clero da Diocese, afirmando: *sem um bom Seminário não pode haver bons sacerdotes e que o bom sacerdote é indispensável aos fiéis.* A 8 de Dezembro de 1918, noutra pastoral, aos sacerdotes e mais fiéis, apelou: *Mais uma vez, volto a falar-vos do Seminário. É o que eu tenho mais caro na Diocese. Por ele me tenho sacrificado e continuarei a sacrificar-me enquanto Deus me der um sopro de vida.* Dois anos depois (1920), criou a *Obra das Vocações Sacerdotais e do Seminário*, em que confidenciou: *meditei [estes Estatutos] perante Nosso Senhor e que talvez pudesse escrever com lágrimas se as lágrimas pudessem fixar-se no papel.* Nas suas últimas palavras aos seminaristas, a 18 de Fevereiro de 1936, pediu que o ouvissem: *sede fiéis à vossa vocação, não desprezeis a graça que vos foi dada, vede as vossas responsabilidades, vede quanto custais ao Seminário e à Igreja, nossa Mãe.*

Na verdade, sendo Bispo de Coimbra, para D. Manuel Luís o Seminário foi a sua maior preocupação e, quando entrou na Diocese, encontrou 27 seminaristas. E deixou-o com 212 alunos! Entre eles, é-nos permitido destacar Américo Monteiro de

Continua na página 3



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Da dor à alegria

HABITUADOS que andamos a sofrer perseguições, dentro e fora, a norte e a sul, interiorizamos quotidianamente esta condição tendendo a guardar na intimidade o desenrolar dos processos por que passa a nossa vida.

Se não falamos delas é porque sabemos que serão causa de alegria, pois que a sementeira se faz com dor e com alegria se fará a colheita.

Todos os processos de vida seguem este curso, e que muitas vezes são uns os que semeiam e outros os que colhem. A cada passo damos conta desta realidade, que no pulsar da vida na nossa Obra se manifesta a olhos vistos.

É falsa a vida sem dor, como é falsa a vida sem alegria. Num dado momento passam, da mão de uma para a mão da outra, o testemunho da existência, culminando na meta na vitória de uma sobre a outra. Ambas foram necessárias na corrida, mas só uma prevalece, sinal do término da corrida e do êxito alcançado. Não é já a alegria passageira que brota das criaturas mas a alegria que é a sede dela.

Até lá, o trabalho e esforço de uns tem como consequência a satisfação e paz de outros. Somos assim desde o princípio. Umas vezes damos, outras recebemos. Mas o haver mais alegria no dar que no receber está nos frutos que se colhem nesta transmissão de vida.

Enquanto dura a dor, parece que não mais vai terminar, ao passo que a ale-

gria depressa se vê esfumar. Tal como o interpreta o dito popular: «O que é bom, acaba depressa».

A dor tem sempre uma causa injusta, e as injustiças grassam, como ervas daninhas, no mundo que habitamos. Às vezes as dores causam repulsa, por tão grande e evidente ser a injustiça que as provoca. S. Paulo dizia aos cristãos que não sofressem por fazer o mal, pois é próprio dos cristãos sofrerem por fazer o bem. E é este sofrer que nos acompanha, em cada uma das nossas Casas, a norte, ao centro e ao sul, em todas as latitudes em que nos encontramos.

A distância geográfica não nos separa, antes reforça os laços da nossa unidade, e alonga os braços que, sendo curtos por natureza, tornam-se longos pelo binómio que nos constitui e une: partilharmos a vida na dor e na alegria. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A obra é da rua, na rua, a favor da rua. Nas ruas chove; quem lá anda, molha-se. Se andasses na minha vida, tinhas de fazer na mesma ou não davas rego certo. Como todas as mais culturas, também a da miséria, sendo bem cuidada, dá seres perfeitos em seu género.

in *Pão dos Pobres*, 3.º vol., pp 108-109

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VISITAS — Na nossa Casa recebemos visitas, e o chefe maior vai acompanhar as pessoas e indicando as normas, os trabalhos e coisas sobre a vida do Pai Américo. Desta vez tivemos um grupo de catequese de Avintes, vindo as crianças acompanhadas com os seus pais e catequistas. Participaram na nossa Missa, almoçaram na nossa Aldeia e depois divertiram-se no convívio com os nossos Rapazes. Gostamos sempre das visitas que vêm visitar a nossa Casa.

DESPEDIDA — Tivemos a despedida do nosso querido Padre Telmo que viajou para Malanje. Ele esteve na nossa Casa do Calvário com os nossos doentes. Também o Pedro, que muitas vezes esteve com ele no Calvário, viajou para a nossa Casa do Gaiato de Moçambique em Maputo. Esperamos que ele se adapte bem ao clima e aos trabalhos nessa nossa Casa.

MAGUSTO — Dois Rapazes andaram a assar as castanhas, as sardinhas e as febras para o nosso magusto. Fizeram também um caldo verde que estava tão delicioso que não sobrou nada. Comemos o nosso magusto na mesa de pedra, que foi feita no tempo do Pai Américo, e que tem uma grande pedra a servir de mesa. Enquanto nós saboreamos o magusto, tivemos boa música ambiente a tocar. No final arrumamos tudo e limpamos o espaço onde foi o magusto.

BICICLETAS — Os nossos «Batatinhas» e alguns crescidinhos andam, ao Domingo, de bicicleta. Alguns fazem corrida para ver quem é o vencedor, e vão com cautela para não caírem. O Bruno é que é o responsável das bicicletas. Ele prepara e arranja as bicicletas, e entrega aos Rapazes que vêm pedir para andar. No final ele arruma as bicicletas para que fique tudo no seu lugar.

VACARIA — Na nossa vacaria temos dois currais, onde temos as nossas vacas, os bois e os vitelinhos que se estão a desenvolver bem. Vendemos algumas cabeças de gado que já estavam boas para comercializar. O Meno já começou a fazer a sementeira de inverno que mais tarde servirá de alimento para o nosso gado bovino. Para o Natal contamos ter carne fresca para a nossa almoço.

CARPINTARIA — O nosso carpinteiro esteve a arranjar a porta da nossa capela. Foi toda raspada, lixada e retocada, e depois envernizada. Ficou muito bonita, mostrando a madeira que é de carvalho. Alguns repararam e observaram como a porta está muito bonita. Esta porta foi posta no tempo do nosso querido Pai Américo na nossa capela. □



O nosso cronista e a mesa de pedra

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

250 ANOS DO SEMINÁRIO DE COIMBRA — A 28 de Outubro, no salão de S. Tomás, com muitas pessoas, entre elas várias gerações de sacerdotes, foram celebrados 250 anos da conclusão do edifício central (*casa velha*) do Seminário de Coimbra. Pelas 19 horas, o Sr. Bispo de Coimbra D. Virgílio presidiu à Eucaristia, em que houve instituições de ministérios. Depois de um jantar aberto e alegre, houve uma sessão solene em que falaram o Sr. Reitor, Padre Pedro Santos, e o Sr. Padre Dr. A. Jesus Ramos, que fez uma conferência sobre o Sr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva e a promoção das vocações sacerdotais, referindo o nosso Padre (Pai) Américo. A noite terminou bem com o Coral Ançamble; e, a seguir, numa parede dos baixos da *casa novíssima*, foi descerrado um quadro daquele grande Bispo.

DOIS LIVROS SOBRE PAI AMÉRICO — A 11 de Novembro, pelas 21 horas, na Biblioteca de Cultura Cristã do Seminário Maior de Coimbra, com amigos da

nossa Obra, foram lançados dois novos livros de e sobre o nosso Pai Américo, bem organizados pelo Dr. Henrique Manuel. A apresentação esteve ao cuidado do Sr. Vigário Geral Padre Pedro Miranda e do Sr. Dr. João Loureiro e Dr.^a Dulce, que enaltecem o escritor *Frei Junípero* no *Lume Novo* e o valor da Obra da Rua na Igreja.

CENTENÁRIO DO SR. BISPO D. MANUEL LUÍS COELHO DA SILVA — Continuaram as comemorações do seu centenário como Bispo de Coimbra, em Bustelo (Penafiel), a 15 de Novembro, com duas palestras, em que foi salientada a sua acção corajosa durante duas décadas na Diocese de Coimbra, e o acolhimento no Seminário e as missões confiadas ao Padre Américo, de serviço aos pobres, que se mostrou muito grato. Na Eucaristia, o Padre Jesus Ramos, do livro de Daniel, disse que *brilharão como estrelas por toda a eternidade!*

ESCOLAS — Nas várias escolas dos concelhos de Miranda do Corvo,

Lousã, Avelar, Alvaiázere e Anadia, em que os Rapazes se encontram a estudar, neste primeiro período já avançado, a situação está a ser acompanhada com atenção na aprendizagem e no comportamento. Depois das aulas, todos têm a possibilidade de estudar na nossa Casa, com os Professores Destacados.

OBRIGAÇÕES — Fazem parte da vida de qualquer família e também da nossa Casa do Gaiato. Há evidentemente tarefas, por escala, como da sala de jantar e copas, agricultura e gado. Todos se deviam empenhar nestes serviços da comunidade.

AGROPECUÁRIA — Com a temperatura a descer e o Sol a brilhar, tem sido possível continuar a apanha da azeitona, em especial nos nossos campos de baixa junto ao ribeiro, onde há muitas oliveiras. É uma tarefa demorada e trabalhosa, desde o varejar até ensacar. Foi levada uma segunda carrada de 30 sacos a um lagar; e outras se seguirão. As couves tronchas que foram plantadas na horta estão bonitas. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

JANTAR DE NATAL — Já estão abertas as inscrições para o nosso Jantar de Natal que se vai realizar no dia 19 de Dezembro de 2015, no restaurante “A Capela”, em Paço de Sousa. Pensamos que o preço de 12 euros por associado é acessível, por isso comparece. Não esquecer a prenda simbólica para troca no valor de 2 euros. As reservas devem ser efectuadas com a maior brevidade possível para os seguintes contactos: 917 414 417, 912 163 569.

ACTIVIDADES — A sede da Associação está sempre de portas abertas, aos domingos, para todos os

que nos queiram visitar. Ficamos a aguardar a vossa visita. Aos sábados à noite, temos sempre o ensaio geral da nossa “Tuna Musical”, pois queremos estar bem afinados nas nossas actuações onde temos actuado, nomeadamente na Casa do Gaiato de Beire — Calvário, Agrival e Cantar as Janeiras, organizadas pela Câmara de Penafiel.

Quem quiser ter aulas de pintura,

o nosso mestre Pontes está sempre ao dispor.

MAGUSTO — Realizou-se no Domingo, 14 de Novembro, o nosso já tradicional magusto de S. Martinho. Foi uma tarde bem passada a assar as castanhas trazidas por cada um. A animação esteve a cargo da Tuna da Associação que se estendeu pela tarde toda. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«Quando se aproximou, ao ver a cidade, Jesus chorou sobre ela e disse “SE NESTE DIA TAMBÉM TU TIVESSES CONHECIDO O QUE TE PODE TRAZER A PAZ. MAS AGORA ISTO ESTÁ OCULTO AOS TEUS OLHOS”» (Lc, 19, 41-42) — Depois dos trágicos acontecimentos dos últimos dias é impossível não falar do medo que se está a instalar nas nossas sociedades ditas ocidentais e que veio para ficar. É um tipo de medo terrível porque leva à desconfiança e à rejeição do que é diferente de nós. É um tipo de medo que leva à confusão das vítimas com os seus carrascos. É um tipo de medo que leva ao egoísmo. Aqui reside uma dos principais aspectos desta tragédia, para além da morte das pessoas que ela já atingiu directamente.

Sobre o que fazer nesta situação, nada melhor do que ouvir a voz do grande homem que foi Santo Agostinho que, como sabemos, viveu no Norte de África. Ouçamo-lo, então:

«Haja paz nas tuas muralhas» (SI 121,7). Ó Jerusalém, «construída como uma cidade, mantida na união» (v.3), haja paz na tua força e na tua caridade! Porque a

tua força é a tua caridade. Presta atenção ao Cântico dos Cânticos: «tão forte como a morte é o amor» (8,6). Irmãos, que palavras dignas de admiração! [...] Quem poderá resistir à morte, irmãos? Resiste a vossa caridade. Resistimos às chamadas, às vagas, aos ferros, aos tiranos e aos reis, mas à morte, quem poderá resistir-lhe? Nada pode mais do que ela. Apenas o amor pode igualar a sua força.»

É muito importante que façamos tudo o que estiver ao nosso alcance, no sítio em que estivermos, para que as respostas ao medo terrível que se está a instalar nas nossas sociedades ditas ocidentais seja esta que nos recomenda Santo Agostinho e que é, também, o primeiro e mais essencial mandamento da Lei de Deus.

Como instrumentos neste mundo ao serviço desse Mandamento, as Conferências Vicentinas devem ter aqui um papel importante a desempenhar em cada paróquia onde se encontram. No sítio em que cada um de nós está, com os meios ao nosso alcance, podemos e devemos lutar contra o

NOVOS LIVROS DE/SOBRE PAI AMÉRICO

Júlio Fernandes

APRESENTADOS no pretérito 23 de Outubro, são dois novos títulos de/sobre o P. Américo. O primeiro, *Padre Américo, Frei Junípero no Lume Novo*, introduz o Seminarista Américo Monteiro de Aguiar no mundo das letras, mas mais do que isso: dá-nos um delicioso manjar sobre a delicadeza d’alma do, depois, Fundador da Obra da Rua — já aqui expressando uma das linhas mestras do seu futuro sacerdócio: *o bem comum*. E o «bem comum» é propositadamente o trabalho inteiro de toda a sua vida. Vale a pena viajar por este trilho do Seminarista “Frei Junípero” ao encontro do Pai “radioso” que haveria de ser do Garoto da Rua, da Pobreza da Rua, da Doença da Rua... — denunciando, agindo, melhorando sempre.

O segundo, *Raízes do Tempo, à volta de Padre Américo*, é um atravessar do tempo que o Autor, Dr. Henrique Pereira, faz com alguns contemporâneos de P. Américo, quer entrevistando-os — Padre

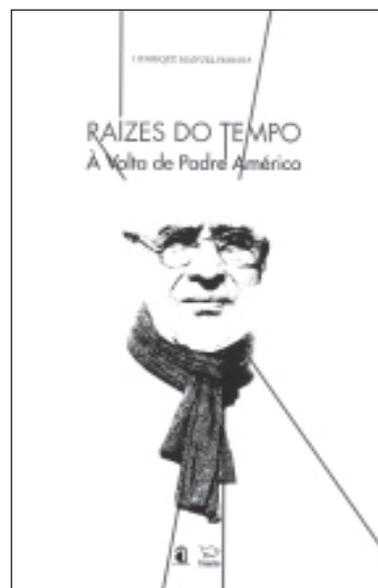


Carlos, Padre Baptista, D. Eurico Dias Nogueira, D. António Marcelino, entre outros —, quer recuperando notícias que de outro modo ficariam ignoradas, pois que publicadas em outra imprensa.

São dois “retratos” que enriquecem a vasta literatura sobre Pai Américo e interessam a quantos

se debruçam sobre a sua *figura ímpar na Igreja de Portugal*.

Aos nossos Amigos e Leitores d’O GAIATO, damos notícia de que os temos disponíveis, sendo que devem ser pedidos à Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. Telefone: 255 752 285. E-mail: obradarua@iol.pt. □



SETÚBAL

Padre Acílio

Explicações

NUM destes Domingos, à tarde, fui encontrar uma cena que deliciosamente me encheu o coração. O chefe maior dava explicações a dois pequenos do 5º ano sobre o modo como resolver problemas de ângulos dos triângulos.

Os rapazes trazem trabalhos para fazer em casa. Questões para resolver; como achar a medida em graus de alguns triângulos, sabendo apenas a medida de um ângulo. Admirei o alcance com que o explicador intuía as dificuldades dos seus irmãos mais novos e a forma inteligente e sábia como os ajudava a vencer os erros, as dúvidas e a adquirir certezas. *Isto é assim e não pode ser de outra maneira. É só assim, mais nada.*

Quem mandou o chefe ensinar os mais novinhos!? Quem? – A sua consciência, o amor por eles, o desejo de lhes conquistar a confiança e a generosidade com que se entrega à sua missão.

Domingo à tarde, tempo de folga. Muitos jogavam futebol, andavam de bicicleta, os mais velhos saíam e o resto agarrava-se a televisão. O chefe prendia-se ao Alberi e ao Geovani. Divertia-se ensinando, gozava dando o seu tempo e a sua sabedoria.

Onde aprendeu esta Escola se os rudimentos de pedagogia do seu curso foram tão escassos?! – Naturalmente com os melhores professores, ele que não gosta nunca de ficar na dúvida, descobriu este método original de uma Obra de Rapazes, Para Rapazes, pelos Rapazes. Desenvolveu-a na descoberta evangélica de que **é dando que se recebe**. *Instruiu-se no gozo experimentado da alegria vivida em ajudar os seus irmãos com mais dificuldades. Uma descoberta com que a pobreza do pai Américo enriqueceu a Casa do Gaiato pondo os rapazes a trabalhar e dando-lhes responsabilidades.*

Visita da Imagem Peregrina

COMO noticiei a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima veio até nós.

Recebemo-la com cântico entusiasmado de Salvé Rainha, Salvé Rainha Senhora Nossa Senhora Minha.

Os rapazes abriram o coração e cantaram brilhantemente.

Esperava que fosse a nossa banda a dar as boas vindas A Nossa Senhora mas esta encontra-se meia desmantelada.

O Verão foi longo. As tentações

do mundo, da família e do diabo foram fortes!, alguns não aguentaram. Os saxofonistas desapareceram quase todos e alguns trompetes também. O maestro achou que a banda teria de ser novamente estruturada para actuar com perfeição. A música é assim, ou é bem executada ou não presta e em vez de elevar, desagrada.

Optou então o Maestro por um quarteto composto de trompete, clarinete, saxofone barítono e órgão. Os rapazes tocaram de forma brilhante dando suporte musical à multidão que os acompanhou fortemente entusiasmada a cantar.

A imagem chegou 23 minutos atrasada e ainda nos foi pedido que recuperássemos a demora.

O tempo para estar na presença da imagem não passou dos 40 minutos. Uma brevíssima saudação em que pedi a Nossa Senhora que nos mandasse mães para os rapazes. Mulheres consagradas a Deus não tanto nas mãos do Bispo, mas nas agruras da vida, iguais às de Jesus, Senhoras com vocação maternal que queiram consagrar-se a Nossa Senhora, substitui-La em nossa Casa, em contínua entrega e heróica aos rapazes; ela que é mãe de todos os homens muito mais *Mãe daqueles que não têm mãe* e sê-lo somente se houver mulheres que A revezem A supram por amor do Seu Filho que está neles.

Rezámos o terço anunciado

pelos rapazes, por uma catequista e por uma mulher da multidão e despedimo-nos cantando o Avé de Fátima com força e gratidão sempre acompanhados pelo quarteto musical.

Insuficientes

COMEÇARAM a aparecer alguns testes com classificação de insuficientes.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes



Alunos do 4.º ano Teológico do Seminário Maior de Coimbra, em 1929-1930, com o Bispo de Coimbra e superiores (da esquerda para a direita): José Augusto Ferreira Simões e Sousa, Silvestre Dias Gouveia, Mário Oliveira de Brito, Américo Monteiro de Aguiar, José Lourenço de Matos, António Gomes, Tomás Francisco Póvoa (em cima); Cónego Manuel Fernandes Nogueira, D. Manuel Luís Coelho da Silva, D. António Antunes, Cónego Tomás Fernandes Pinto, Cónego José Antunes (sentados).

Continuação da página 1

Aguiar, um vizinho seu (de Galegos), que foi admitido perto dos 38 anos, a 3 de Outubro de 1925, depois de ter trabalhado em Moçambique durante 16 anos e chegado a tomar hábito franciscano, em Vilarinho de la Ramallosa, aos 36 anos – *Frei Américo de Santa Teresa*. O mesmo Bispo, seu amigo, que conheceu no Porto em 1904, quando empregado numa loja de ferragens, acabou por ordená-lo a 28 de Julho de 1929, na Capela de Nossa Senhora da Anunciação, do Seminário de Coimbra, passando a assinar por *Padre Américo!* Nesta hora, a Obra da Rua não pode esquecer e está muito grata pelo carinho paternal desse grande Bispo e dos seus sucessores, que enviaram e acompanharam mais uma mão cheia de Padres seus para servir a Igreja, em especial os Pobres.

No centenário da sua entrada em Coimbra como Bispo, com gratidão e numa visão vocacional, em 17 de Setembro foi celebrada Eucaristia na Igreja onde foi baptizado em 1859, e aberta uma exposição biblio-iconográfica no claustro do Mosteiro de Bustelo. A 17 de Outubro, vieram ao Seminário Maior de Coimbra (onde viveu) cerca de 80 conterrâneos, em grata homenagem com Missa pelo Bispo da Diocese e sentida romagem, sob chuva copiosa, à sua campa rasa na Conchada, onde quis *ficar sepultado até ao dia do Juízo Final*. No dia 28 de Outubro, aconteceu a comemoração solene dos 250 anos do Seminário de Coimbra, com Eucaristia presidida pelo Bispo D. Virgílio Antunes, no salão de S. Tomás, em que foi sublinhado o papel de D. Manuel Luís na promoção das vocações sacerdotais e descerrada memória evocativa. A 15 de Novembro, tiveram lugar na Igreja de S. Miguel de Bustelo conferências sobre o seu ministério firme na Diocese de Coimbra (1915-1936) e os seus encontros com o Servo de Deus Padre Américo, em que participámos com o Padre Dr. A. Jesus Ramos.

Vivemos a Semana dos Seminários com um tema tocante: *Olhou-os com misericórdia*. Da mensagem, podemos ler com olhar vivo: o sacerdote é *alguém para quem o Senhor olhou com misericórdia, e Deus tem uma especial predilecção pelos pobres, pelos doentes, pelos perdidos e pelos pecadores*.

Na celebração dos 250 anos (1765-2015) do Seminário de Coimbra, com fé e esperança, ousamos pedir ao Senhor pastores segundo o seu coração! □

MALANJE

Padre Rafael

NÃO há dúvida, há palavras que não se ficam no passado, principalmente aquelas que se renovam em cada pessoa que as vive... «Só podes amar, como te amas a ti mesmo».

É sábado de tarde e Padre Telmo foi celebrar Missa para as crianças e eu pensei aproveitar para escrever prò GAIATO. Nisto, chamam-me da porta.

É incrível! Parece que tenho um GPS metido no corpo para que me localizem vá para onde for!

É um «Batatinha» que me diz que há alguém que quer falar comigo. Guardo o documento e apresso-me a descer para atender a visita e continuar a escrever. Quando chego, encontro um menino.

«Boa noite, meu nome é ... Estou aqui porque não tenho para onde ir. Os meus pais morreram, há três anos, num acidente de viação. Ao meu irmão mais velho e a mim, mandaram-nos para casa

de um tio. O meu irmão começou a sair com gente má e morreu num tiroteio, há um ano, quando saía numa festa. Pouco depois os meus tios regressaram a Luanda e deixaram-me aqui sozinho. Durante os últimos meses, vivi com um rapaz mais velho. Sobrevivíamos carregando camiões de areia ou lavando carros. O meu amigo arranhou trabalho onde lhe dão alojamento e disse que eu não podia ir com ele. Esta última semana passei-a na rua. Disseram-me que aqui vive um Padre da Rua, e vim.»

Chamei o chefe Jacinto para que o moço lhe explicasse novamente a história e poder observá-lo com mais atenção. Jacinto começou a fazer-lhe perguntas e advertências sobre o que implica, na Casa do Gaiato, mentir e roubar. Jacinto trocou um olhar comigo e mandamo-lo para a Missa. Depois, foi ver o quarto onde vai ficar por agora.

Regresso para continuar a minha crónica. Padre Telmo completa 90 anos no próximo 25 de Novembro. Os rapazes estão a preparar-lhe uma festa que se fará no sábado, dia 28. Tudo se está a fazer com a máxima discreção, pois sabemos que se chega ao conhecimento de Padre Telmo, arranjará uma desculpa para não estar presente.

Estamos quase no fim do ano lectivo e a maioria dos rapazes está em exames. A Escola é um tema muito preocupante porque temos um sistema escolar

onde os rapazes podem estar na quarta-classe sem saber ler ou escrever, ou na sexta-classe sem saber multiplicar ou dividir. Em nossa Casa os rapazes têm apoio escolar todas as tardes

Despeço-me...

Sonho encontrar em cada País do mundo, um grupo de Curas com opção preferencial pelas pessoas que vivem na rua. Padres que nos recordam esse Jesus, que andava pelos subúrbios a lembrar às pessoas que ali vivem, que deseja formar com elas uma casa. Sonho que todos esses Curas que abrem a porta das suas casas às crianças, aos jovens, adultos condenados pela pobreza e acorrentados pelo álcool, as drogas, o roubo, a mendicidade, prostituição..., se unam com a missão de oferecer-lhes um ambiente familiar onde possam recuperar-se.

Tenho a certeza de que em cada Diocese existe um ou vários Padres com esta vocação. Que muitas vezes se sentem sós sem quaisquer apoio moral ou material. Que precisam partilhar tudo o que estão fazendo e vivendo.

Tenho a certeza de que o Espírito, através de Pai Américo, nos recordou, uma vez mais, que muitos Sacerdotes diocesanos podem viver sua opção pelos Pobres sem ter de pertencer a nenhuma congregação. Nos recordou, entre muitas outras coisas, que a missão une muitos destes Curas e que podem associar-se para poder servir melhor. Se conheces algum, avisa-me. □

medo que leva ao egoísmo, o medo do outro diferente de nós, seja ele estrangeiro, ou doutra condição. É esta a nossa "linha da frente", sem esquecermos o que também pudermos fazer ajudando os movimentos que, como a Caritas do Médio Oriente, o Serviço Jesuíta de Apoio aos Refugiados e outros, estão no terreno, no Líbano e noutros locais, a cuidar das vítimas mais directas desta tragédia que o mundo está a viver. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

BENGUELA

Padre Manuel António

Quem dera!

NO dia 11 de Novembro, p. p., foram celebrados os 40 anos da Independência da nossa querida Angola. Estivemos presentes no acto que marcou este acontecimento. Os centros populacionais da Província de Benguela, com os nomes das respectivas cidades, deram beleza à celebração. Este marco da história de Angola seja um passo em frente, no caminho da justiça social e do amor, de tal modo seja cada vez mais a Casa de Família de todos os seus filhos. Quem dera! A riqueza do País será tanto mais fecunda, no bem estar da população, na medida da sua justa distribuição. Este ponto deve ser um tema central da ocupação dos mais altos responsáveis da Nação. A multidão dos pobres e famintos constitui um alerta para todos os corações, verdadeiramente humanos e sensíveis. A riqueza será autêntica fonte geradora de felicidade dum povo, na medida em que é partilhada com justiça e amor. Angola tem condições de base para ser a Casa de Família de todos os seus filhos, a viver com o necessário para uma vida feliz. É necessária a intervenção oportuna dos membros da sociedade civil, com mais responsabilidade. Deste modo, serão cortados os caminhos do egoísmo violento que mata a verdadeira fraternidade dum povo, desde os mais pequenos aos mais velhos.

Não nos cansemos de fazer o bem. Colheremos os frutos no

tempo oportuno. Quem dera esta mensagem encontrasse eco nos corações e nas cabeças de todos! Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem, animando a distribuição da riqueza pelos angolanos mais necessitados.

Nunca nos podemos esquecer de que cada um recolhe o que tiver semeado. Quanto mais justiça e amor semearmos, colheremos mais fraternidade e não corrupção.

Nesta linha da sementeira do amor fraterno, a nossa Casa do Gaiato foi testemunha dum gesto admirável, cheio de generosidade. Um grupo de cantores célebres que vieram de Luanda, para abrilhantar a festa grande da celebração dos 40 anos da Independência, esteve em nossa Casa. A propósito de dar uma ajuda para estes filhos de Angola que tinham sido abandonados, confiaram-nos uma quantia, admiravelmente generosa, para comprarmos alimentação necessária. Foi um motivo de muita alegria para nós e para eles. Estas ajudas são um sinal do amor para os mais necessitados. Esta manhã, a nossa Teresa que é a mãe desta Família foi à busca da comida com o dinheiro que nos foi oferecido. Um grupo de responsáveis da empresa *Toyota* de Angola quiseram conhecer também a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Fizeram-nos uma visita e deixaram a sua lembrança. Esperamos a continuação destes gestos. A nossa Casa do Gaiato vive das

ajudas das pessoas particulares e das empresas.

Ontem, Domingo, foi o encontro com um grupo qualificado de pessoas que vieram conhecer a Casa do Gaiato. Julgavam tratar-se dum internato provisório para filhos que causavam problemas aos pais. Não! A Casa do Gaiato quer ser a Casa de Família dos filhos sem família, abandonados. Ou tendo-a é como se não a tivessem. São filhos que não foram amados, pelos seus pais, como tinham direito. Nasceram para ser homens dignos da sociedade normal. Não foram acompanhados no seu crescimento pelo amor do pai e o carinho da mãe. Pelo contrário, foram vítimas inocentes do abandono familiar. Sem dúvida, este problema constitui uma chaga viva no corpo social da nossa Angola. Por desgraça, em vez de diminuir na sua dimensão social, cresce cada vez mais. A Casa do Gaiato não resolve todos os problemas destes filhos. Há tempos, uma alta autoridade social interpelou-nos no sentido de levarmos a Casa do Gaiato para outros centros populacionais da nossa Angola, ao encontro da multidão dos filhos abandonados. Quem nos dera! Antes de mais, são necessárias vocações específicas para este serviço de entrega total do coração. Simultaneamente, é absolutamente necessária uma intervenção das forças sociais, no sentido de prevenir o aparecimento e aumento deste mal social, que é criminoso também. Está em causa a sorte dum multidão de filhos inocentes. Entretanto, continuamos a trabalhar com muita esperança no amor que enche os vossos corações, para levarmos para a frente este projecto. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

LITURGICAMENTE estamos ao chegar ao fim. Não um fim determinado, porque até Cristo quando o anunciou aos discípulos lhes misturou o fim de Jerusalém com o do mundo, e quando lhe perguntaram quando seria respondeu:

— *Onde estiver o corpo, aí se juntarão os abutres.*

Ora, estas duas palavras são mais que actuais. Quantos corpos são estendidos mortos pelo mundo fora desde a Ásia, à África, à Europa e até à América Latina e a quantos mais lugares nem sabemos e os abutres aí têm os olhos. Não sei se estes ao fazerem o seu banquete grasnam de contentes, mas que fazem barulho ao prepará-lo, fazem. Tantas bombas, tantas metralhadoras, tantos aviões de guerra e navios por esse mundo, que se concentrados dariam um tal tremor de terra que abalaria os seus alicerces.

São milhões os desesperados que fogem e não há quem os acolha. É preciso classificá-los entre possíveis infiltrados e os desesperados que arriscando a vida procuram um lugar tranquilo. Até se fala em campos de concentração para eles. Quanto sofrimento inocente de que só Deus é testemunha e só por eles, Deus tem piedade de todos e está morrendo novamente neles, pela humanidade desavinda que perdeu o sentido do próximo e o caminho de Deus. E até em nome de Deus se mata.

«É uma heresia», diz o Papa Francisco.

Será a ganância do dinheiro ou a sofreguidão do poder e do prazer de estar por cima dos outros? Será a cegueira da alma, se é que a sentem? Querem o mundo para si e ficarão sem quem os sirva!

UM nos ensinou a servir os outros, mesmo aos tiranos. Os que servem são os maiores. Se eles o soubessem, o sentissem e compreendessem teriam ódio, mas a si próprios. Nem esperam que há Quem os julgue, porque eles é que são os juizes infelizes de tudo e todos. E na última hora, porque morrerão como todos nós, descobrirão uma-a-uma as tragédias do holocausto que fizeram no mundo onde quiseram ser imperadores. Subiram ao alto do monte, donde rolaram para o abismo.

Os acontecimentos de Paris, nesta última semana, fazem chorar, e odiar ao mesmo tempo, e tiram a serenidade para a possibilidade de reverter a desordem, tão culpavelmente estabelecida. E parece-me que mais desordem está a ser incrementada. Só se pensa numa retaliação às fontes do mal. Muitos minutos de silêncio, bandeiras a meia haste e ramos de flores por todo mundo.

Os cristãos mais que ninguém ofendidos, precisamos de levantar as mãos a Deus e orar incessantemente, para que Deus Autor e Senhor de todas as coisas, tenha o Seu lugar no mundo. Ou, então, cada vez pior. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

A meio de uma manhã de sol já alto e quente recebi um senhor acompanhado da neta.

Era aquele pobre que vive na barraca sem soalho, coberta de lusalite de que falei no ano passado.

Logo que o olhei deu-me um baque dentro de mim. Vi a sua barraca, o frio que ela não guarda, o regelar dos ossos dele e da mulher. Eu que havia prometido comprar-lhe um telhado com chapas de sanduíche que preservasse o frio e o calor! Mais, há um senhor que mas paga. Era só mandar-lhe as medidas que ele põe-mas cá.

Falei com um pedreiro que me prometeu tirá-las, convidei outro que também faltou. É hoje, é amanhã e as coisas vão-se adiando com outras aflições.

Ver o homem, é ver os meus pecados e os de tanta gente alheia ao sofrimento humano, a gastar o seu tempo em ninharias que só lhes esvazia o coração e os ilude com prazeres passageiros, que nada valem. Meu Deus, os meus pecados de omissão!

O homem aproximou-se, tirou o chapéu afundado na cabeça grisalha e calva, estendeu a mão, lançou-me um olhar magoado entre as remelas das pálpebras e a sujidade da cara: — *Como está senhor Padre!?* — Disse com voz rouca.

Já me preparava para ser amaldiçoado e bem merecia, mas o homem era Presença Divina, a Paciência de Deus e a Misericórdia do Senhor. «Como está senhor Padre!»

Eu tremo diante destas visões e calmo

pus-me à escuta: — *Sabe, a minha mulher está entrevada na cama e, agora, borra-se toda e eu não sei o que fazer à minha vida.*

Como há-de ele saber? Uma barraca sem casa de banho, sem água corrente aquecida, como ele se não há-de ver a certas horas de noites frias com a esposa toda suja.

Passou-me logo a ideia de melhorar a barraca e surgiu-me luz: — *Eu alugo-lhe uma casinha para vocês viverem. O Património dos Pobres pagar-lhe-á a renda.*

Não quer deixar a barraca? Você não pode viver ali com a sua mulher naquele estado.

— *Sabe senhor prior, eu vivo ali desde os 25 anos. Criei lá os meus filhos e, agora, custa-me!*

— *Então! Vá pensar e diga-me.*

Pedi-me um andarilho e algum dinheiro para comprar qualquer coisa, que ela precisa de uns mimos.

Por norma não dou dinheiro a ninguém. Os cheques são sempre dirigidos a destinos certos. Mas eu tinha ido celebrar o Santo Sacrifício e haviam-me dado 50€. — *Tome lá, este é um dinheirinho santo.*

O homem afagou a nota com as mãos e disse: — *Muito obrigado, senhor prior.*

Como me soube bem pôr nas mãos do sofredor a esmola da Missa.

Em pouco tempo duas famílias me trouxeram 1000€ cada uma, para eu celebrar pelos seus defuntos, e eu rezo com muita gratidão e simplicidade diante de Deus.

Não me recomendaram que dissesse tantas Missas, como às vezes oiço de bocas religiosas pouco esclarecidas e nada evangélicas! «*Eu vou a tal parte que as Missas lá são mais baratas!*»

Que linguagem tão simoníaca quase nunca contrariada. O dinheiro dado nas Missas deve ser gasto no culto divino, e o que sobrar, para os Pobres. O sacerdote só deverá usar dele para si, se na sua pobreza for indispensável.

Ai!, como a luz brilharia nas trevas de tanta mente humana se fosse este o modo de proceder!

De manhã cedo mal me levantei da cama ouço voz de criança à porta da cozinha. Alguns dos nossos já foram para a escola e dois ocupam-se a limpar e a pôr as mesas para o almoço. As vizinhas não eram nossas.

Então? Era a mãe com uma menina e um menino sentados nos degraus de pedra a apanhar os primeiros raios de sol para se aquecerem.

Saí a porta, conheci a senhora e perguntei: — *Tão cedo, que fazes aqui Cármen?*

— *O homem que está comigo bateu-nos. Eu disse que me ia queixar à Polícia, ele ameaçou-nos de morte, e eu venho cá a ver se você chamava a Polícia.*

— *Um homem?! Então sempre me disseste que vivias sozinha e agora tens homem?! Fui tantas vezes a tua casa e nunca me apresentaste homem nenhum. Sempre me disseste que não tinhas nin-*

guém contigo, além dos teus filhos e, agora, tens homem?!

— *Ele é que é o dono da casa, a Câmara arrendou a casa a ele!*

— *Olha, não sei? Para esta casa não podes vir, eu não chamo a Polícia, nem ela aqui vem.*

Foi uma nuvem negra que me escureceu a mente e me cegou. Sim, que hei-de fazer?

— *Então, com aquela Empresa de Lisboa levamos-te electrodomésticos novos tão bons para a tua casa e agora a casa não é tua? Ajudei-te a arranjar o chão e as paredes sem saber que a casa não te pertencia?!*

Voltei-lhe as costas, pedi que lhes arrajassem alguma coisa de comer e retirei-me, pois a sua amargura já me invadia a alma.

Queixar-se à Polícia é arriscar a vida! Mas é mesmo! Não há outro remédio senão aguentar.

Em certas camadas culturais, a mulher só tem deveres, não tem direitos e... ai dela se os reclamar! São assim as leis do submundo humano.

Saí para a cidade fazer uns recados breves e quando regressava, a meio do caminho, cruzaram-se comigo de carro, o homem, ela sentada ao lado dele e as crianças atrás.

Como se terão entendido? Não sei; mas um doce entrou dentro de mim: A Casa do Gaiato é o refúgio dos desamparados. A mulher não foi para mais lado nenhum, fugiu para junto de nós! Podia ter ido para a porta de alguma Igreja. Ele há por aí tantas das mais diversas religiões, mas nenhuma a atraiu. □